

BANCO NACIONAL DO COMÉRCIO: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA E ICONOLÓGICA DE SEUS CAPITÉIS

NOBLE, André Winter¹; VALENTIM, Jailson dos Santos²; SANTOS, Carlos Alberto Ávila³

¹Acadêmico do Curso de Artes Visuais (CA/UFPEL)/bolsista PET, andre.winn@hotmail.com;

²Acadêmico do Curso de Artes Visuais (CA/UFPEL)/bolsista PIBID, valentim8@yahoo.com.br;

³Orientador, professor adjunto do Centro de Artes/UFPEL, betosant@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior denominada *Elementos Funcionais e Ornamentais da Arquitetura Eclética Pelotense: 1870-1931. Estuques*, que vem sendo desenvolvida desde 2009, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos. Seu foco é fazer uma análise dos capitéis em estuque do antigo Banco Nacional do Comércio de Pelotas/RS, a partir de uma leitura iconográfica e iconológica baseada na obra *Significado nas Artes Visuais* (2004), de Erwin Panofsky.

A edificação em estilo eclético referida foi inspirada no banco da Inglaterra, foi erigida em lote de esquina no ano de 1917 para sediar uma instituição financeira. Sob influência da filosofia positivista, o edifício recebeu capitéis alegóricos com figuras da mitologia greco-romana: Hefestos ou Vulcano; Hermes ou Mercúrio; Febo ou Apolo; Atena ou Minerva; Demeter ou Ceres, bem como cabeças estilizadas de leões, compoteiras, rocalhas, gavinhas e folhas de acanto, entre outros ornatos.

Em Pelotas, a técnica do estuque foi amplamente utilizada na construção e decoração de paredes internas e externas, bem como em tetos dos antigos palacetes. As origens dos materiais e as peculiaridades do processo construtivo são evidenciadas, devido sua importância na formação do conjunto arquitetônico eclético historicista da cidade, pois reúne diferentes estilemas pertencentes às estéticas de diversos lugares ou períodos da arquitetura.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A investigação realizada foi fundamentada em ampla pesquisa bibliográfica, das quais destacamos a obra de Panofsky (2004), por contribuir para a leitura iconográfica e iconológica do edifício. Recorremos ao *Dicionário de mitologia greco-romana* (CIVITA, 1973) para conseguir aproximar os mitos, as lendas e a tradição greco-romana da ideologia presente na construção do edifício analisado.

O estudioso Panofsky entende iconografia como sendo um ramo da história da arte que aborda um tema ou mensagem presente em obras de arte que se contrapõe à sua forma, podendo ser também a descrição e classificação de imagens. Fazendo menção à iconologia, o autor salienta ser este um método de interpretação que trabalha em oposição à iconografia, sendo mais sintético do que analítico. Fontes primárias como jornais da época da construção do Banco Nacional do Comércio, pertencentes ao acervo da Biblioteca Pública Pelotense, também foram consultados, assim como teses e dissertações que enfatizam o tema. Na pesquisa de campo foram realizadas duas entrevistas com a pesquisadora e

restauradora Márcia de Pauli Guidoti em 2009, além de registros fotográficos e coleta de imagens do prédio enfocando as composições decorativas para análise e estudo comparativo dos elementos ornamentais dos frontispícios.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do antigo prédio do Banco Nacional do Comércio, atual Centro de Integração do Mercosul, da Universidade Federal de Pelotas, revela peculiaridades nas suas caixas murais, dentre elas as colunas *palladianas* pseudoperípticas com seus singulares capitéis de inspiração jônica, que além de embasarem a platibanda, sustentam faces cujas representações fazem menção aos deuses da mitologia greco-romana.

O edifício que abrigou a filial pelotense do Banco Nacional do Comércio data do ano de 1917. Esta, edificada em esquina de quarteirão, foi erguida sob os cuidados do *Escritório de Engenharia e de Arquitetura* do tcheco Josef Hruby, radicado em Porto Alegre (MOURA & SCHLEE, 1998, p. 114).

Seus frontões triangulares, sejam os que dão para a Rua Andrade Neves, sejam os que dão para a Rua Lobo da Costa, apresentam ornatos realizados em massa de estuque, representando rocalhas, folhas e zarcílios de acanto, compoteiras e cartelas que divulgam cabeças estilizadas de leões. Estas remetem tanto ao poder econômico das casas bancárias, quanto à segurança dos negócios efetuados nas mesmas.

Nas extremidades dos frontões, as rocalhas que outrora guardavam um tesouro, aparecem dotadas de caprichosas linhas. As compoteiras, que eram usadas para guardar iguarias como cremes e doces finos, aparecem aos pares ladeando as rocalhas.

As folhas de acanto, do grego *akantha*, conhecidas vulgarmente por erva-gigante, são originadas de uma planta espinhosa oriunda do sul da Europa. Sua simbologia indicava, através dos seus espinhos, a superação das provações da vida e da morte. As folhas de acanto estavam associadas aos bons costumes, à moral e ao caráter reto. A Bíblia (GÊNESIS, 3:18) evidencia que “(...) o solo produzirá para ti espinhos e abrolhos”, no entanto, a mitologia assegura que quem estivesse ornado com essas folhas venceria tal maldição, gozando de glória eterna.

Os capitéis de inspiração jônica salientam figuras de deuses greco-romanos que se ligam à agricultura, ao comércio, à indústria, às artes e à sabedoria. A escolha destes ornamentos na edificação estudada não ocorreu de forma aleatória, uma vez que indica a função primeira do prédio. As riquezas econômicas pelotenses da segunda metade do século XIX e início do XX, influenciaram na escolha das representações dos deuses que compõem um expressivo conjunto decorativo.

Com a representação de Deméter, ou Ceres, é possível observar essa ligação, pois Deméter, segundo a mitologia, representa a deusa da agricultura, além de ter sido a progenitora de Pluto, deus da riqueza. Deste modo, a função do prédio que era de guardar e gerar riqueza, foi também evidenciada.

Hefestos, ou Vulcano, divindade que presidia as matérias fundíveis tais como o bronze, a prata e o ouro, surge nas representações como um ferreiro de tenra idade e longa barbas, sendo possível identificar dois tenazes que se cruzam sobre o gorro usado pela alegoria, bem como as correntes que enfeitam o colarinho do capitel que faz alusão à metalurgia.

Hermes aparece entre as volutas de um capitel usando um capacete alado, com colarinho rodeado por folhas de louro. Seu nome romano, Mercúrio, provém da palavra em latim *Merces*, que significa recompensa, pagamento, também relacionada à *Merx*, mercadoria. Partindo desse pressuposto, entendemos que a relação estabelecida entre a escolha da figura e a função do edifício justifica-se devido à significação mitológica do ícone com o comércio.

Por se tratar de uma edificação onde as relações ligavam-se às transações financeiras, às questões éticas, de retidão, de desenvolvimento cultural e de progresso político e social fez-se necessária à presença da representação de Febo, ou Apolo, em sua fachada. Este, aparece entre as volutas portando uma tiara com a representação de âncora, aludindo à navegação, atividade de grande relevância econômica no município naquele momento.

Por sua vez, Atena, ou Minerva, deusa da sabedoria, da civilização e da justiça foi também reconhecida como deusa da estratégia pela sua ligação com a guerra. A figura feminina aparece neste órgão financeiro coroada por ramos de oliveira, destacando em seu colarinho reproduções de olivas. Neste contexto, justifica-se a representação dessa divindade, para lembrar as criações de estratégias necessárias a uma instituição dessa natureza, que tem como foco principal o fluxo do capital e a acumulação de riqueza.

4. CONCLUSÕES PARCIAIS

A edificação do antigo Banco Nacional do Comércio de Pelotas integra-se ao conjunto arquitetônico pelotense correspondente ao estilo historicista eclético. As caixas murais deste edifício contam com a presença de elementos ornamentais modelados em estuque, onde é possível observar a presença de figuras diversas, sendo capazes de identificar, através de uma leitura iconográfica, inúmeras estilizações de figuras como folhas de acanto, volutas, rocalhas, ovários, grinaldas, dentículos e gavinhas. Outros ornatos como compoteiras, figuras antropomórficas, fitomórficas e zoomórficas contribuem para a beleza da composição.

A análise iconográfica e iconológica, portanto, foi apoiada na obra *Significado nas Artes Visuais*, de Panofsky, revelando que dentre os adereços sobressaem-se representações de divindades greco-romanas: Demeter ou Ceres; Hefestos ou Vulcano; Hermes ou Mercúrio; Febo ou Apolo; Atena ou Minerva, ao mesmo tempo em que implicam no gosto, na função e nas ideologias que tangenciam essa instituição financeira.

A partir da análise bibliográfica, foi possível estudar os capitéis alegóricos da edificação, identificar representações como cabeças de leões e figuras mitológicas, relacionando-as com as funções originais do prédio. O enriquecimento das caixas murais do edifício formado por elementos ornamentais, ao mesmo tempo em que revela o prestígio político e o poderio econômico do município de Pelotas durante o período em que funcionou a instituição financeira, contribui para o embelezamento e expressividade da fachada do prédio.

5 REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Affonso. **Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860–1890)**. Pelotas: Mundial, 1993.
- MEYER, F. S. **Manual de ornamentación**. Barcelona: Gustavo Gili, 1929.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, 1992.
- MOURA, Rosa & SCHLEE, Andrey. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998.